

AZUL NA HISTÓRIA DA ARTE

BLUE IN ART HISTORY

Valdriana Corrêa

Bacharel em História da Arte/UFRGS
valdriana@terra.com.br

Daniela Pinheiro Machado Kern

Professora Doutora do Instituto de Artes/UFRGS
danielapmkern@yahoo.com.br

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar o modo de utilização da cor azul ao longo da história da arte. Iniciando com a descoberta dos primeiros pigmentos e a chegada destes a Europa Ocidental abordando também a influência das civilizações orientais. Este estudo se divide em dois campos: o azul atmosférico e o azul utilizado de forma pontual. Através dessa ótica percorreremos alguns dos períodos da História da Arte pontuando os principais artistas que se enquadram no tema da pesquisa tendo como divisor de águas o azul de Yves Klein. O azul é examinado como um link do passado para o presente: como uma força histórica para o comércio global; como um emblema de poder, beleza e espiritualismo, entre outros usos e propósitos. O azul proporcionará um tecido conjuntivo com o qual poderemos examinar como a cor se manifestou fisicamente e simbolicamente em culturas tão distantes como o antigo Egito, a Ásia, Europa e América. Esperamos com isso um maior entendimento sobre a utilização da cor no processo criativo e a incidência da cor azul, uma cor tão utilizada e com uma simbologia tão diversa que abrange várias culturas.

Palavras-chave: azul; cor; pigmento; história da arte

ABSTRACT

The present research seeks to analyze the way of using blue color throughout the history of art. Beginning with the discovery of the first pigments and the arrival of these in Western Europe also addressing the influence of the Eastern civilizations. This study is divided into two fields: The atmospheric blue and the blue used in a punctual way. Through this perspective we will go through some of the periods of the History of Art punctuating the main artists that fall into the theme of the research having as dividing of water the blue of Yves Klein. Blue is examined as a link from the past to the present: as a like historical force for global trade; as a simbol of power, beauty and spiritualism, among other uses and purposes. Blue will provide connective tissue with which we can examine how color manifested itself physically and symbolically in cultures as far afield as ancient Egypt, Asia, Europe, and America. We hope a greater understanding of the use of color in the creative process and the incidence of blue color, a color so widely used and with such a diverse symbology that it covers many cultures.

Keywords: blue; color; pigment; art history

Introdução

O estudo da cor é um elemento de grande importância quando analisamos uma obra de arte. Os modos de uso da cor azul através da história da arte norteiam esta investigação, que contribuirá para a ampliação de nossa visão. Mas por que o azul? Essa foi a pergunta que eu fiz a cada obra selecionada, tentando me colocar no lugar do artista na busca pelas respostas.

Essa dúvida foi a mola propulsora para o desenvolvimento dessa pesquisa, que procurará contribuir para um maior entendimento da relação entre a cor e a produção artística, assim como sua influência nas representações às quais é associada.

Partindo disso foi traçada a estratégia de pesquisa que incluía um levantamento bibliográfico sobre a cor azul e suas representações e simbologias, bem como o levantamento documental sobre pintores, exposições e obras que se encaixassem no escopo da pesquisa. E finalmente a escolha das obras que seriam citadas e contextualizadas de acordo com o que fora pesquisado.

A pesquisa partiu do surgimento dos principais pigmentos e seus usos desde o oriente. É interessante que se fale sobre essa troca cultural entre o oriente e o ocidente, que foi responsável pela inserção na cultura ocidental de muitos valores e ideais trazidos pela rota da seda. O uso da cor azul nas civilizações orientais já tinha uma grande importância quando nos referimos a suas representações culturais. Tudo isso antes mesmo de pensarmos em arte. Para os romanos o azul era uma cor desagradável e depreciativa, tida com a cor dos bárbaros. Sobre isso Michael Pastoureau, comenta em seu livro, *Azul a história de uma cor*:

[...] efetivamente, para eles, o azul é sobretudo a cor dos Bárbaros, Celtas e Germanos, que, têm o hábito de tingir o corpo dessa cor a fim de assustarem os seus adversários. [...] as mulheres dos Bretões pintam o corpo de azul-escuro antes de se entregarem a rituais orgíacos; conclui-se daí que o azul é uma cor de que devemos desconfiar ou afastar-nos. Em Roma, vestir-se de azul é geralmente desvalorizado, excêntrico, ou então sinal de luto. Essa cor está muitas vezes associada à morte e aos infernos. Quanto a ter olhos azuis, é quase uma deficiência física. Na mulher, revela uma natureza pouco virtuosa, no homem, é um traço efeminado, bárbaro ou ridículo (2016, p 31-32).

Hoje em dia o azul é a cor preferida para a maioria da população¹, segundo estudo realizado pela *YouGov*, uma empresa internacional de pesquisa de mercado e análise de dados da Internet, com sede no Reino Unido. Houve assim, ao longo dos séculos, uma completa inversão dos valores.

O uso da cor azul na arquitetura islâmica servirá de base para discutirmos a representação do azul em forma de poder. Já na Idade Média a luz e a cor servem para representar a nova maneira como a igreja passou a pensar a representação do divino. Vários pigmentos azuis foram utilizados ao longo da história da arte, mas somente um teve seu valor

¹Estudo realizada pelo instituto YouGov em 2015, revelou que azul era a cor preferida ao redor do mundo depois de enquetes realizadas em dez países de quatro continentes. A pesquisa foi feita em Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos, Austrália, China, Hong Kong, Malásia, Singapura, Tailândia e Indonésia e em todos eles, o azul despontou como a favorita. Resultados disponíveis em: <<https://goo.gl/jR7Kro>>

equiparado ao ouro. No renascimento italiano o azul ultramarino passou a ser a cor mais utilizada, a mais adorada e a mais cara. Sendo assim, a cor azul passa a ser usada na representação da realeza, tanto do céu, quanto da terra. De todas as características encontradas sobre a cor azul, podemos destacar a imaterialidade. Azul é a cor mais imaterial que existe. Entenderemos por que.

Após discorrer sobre todas essas representações da cor azul e de já estarmos familiarizados com seu percurso histórico, iniciarei a análise de seus modos de uso, que é o foco principal dessa pesquisa. A partir daqui vou apresentar algumas das simbologias da cor azul que acompanham a história da arte, atravessando culturas e perpetuando o fascínio que essa cor nos desperta. Ao final poderemos fazer uma análise da utilização da cor azul ao longo da história da arte e avaliar seus significados durante esse percurso. Do desinteresse na Antiguidade e Alta Idade Média até uma ascensão progressiva a partir do século XII e o seu triunfo na época contemporânea, traçando um balanço dos seus usos e significados e interrogando sobre o seu futuro.

O Azul é Divino

Os deuses vivem no céu. Azul é a cor que os rodeia, por isso, em muitas religiões o azul é a cor dos deuses. As máscaras mortuárias dos faraós são finamente decoradas com a cor azul, e feitas com lápis-lazúli², uma pedra semipreciosa, que era tida como sagrada para os egípcios pelo seu tom azulado que representava o eterno e o infinito. Com ela, foram coloridos os hieróglifos dos textos das pirâmides³, que eram instruções para ajudar as almas em sua viagem para o outro mundo. O deus egípcio Amon é representado com a pele azul, para que possa voar sem ser visto. Para a crença egípcia, o azul era considerado a cor do céu, portanto, também do universo. Associado à água e ao rio Nilo o azul era a cor da vida, da fertilidade e do renascimento.

²Símbolo cósmico da noite estrelada, na Mesopotâmia, entre os sassânidas. É importante salientar que, na África Ocidental se empresta também um valor excepcional as pedras artificiais azuis... Não resta dúvida de que o simbolismo e o valor religioso dessas pedras têm sua explicação na ideia de força sagrada de que participam em virtude de sua cor celeste. Em todo o oriente muçulmano, a pedra azul é um talismã contra o mau-olhado. Ela é pendurada no pescoço das crianças e até os cavalos são ornados pela mesma razão com colares de pedras azuis. (CHEVALIER, 1988 p. 536).

³Os Textos das Pirâmides, considerados o, mas antigo conjunto de escritos religiosos do mundo. São constituídos por 759 fórmulas mágicas, hinos, rituais e listas de oferendas mescladas com histórias mitológicas.

A religião católica também contribuiu para o reconhecimento da cor azul como símbolo de divindade. A partir do século XII a Virgem Maria passa a ser representada com suas vestes na cor azul, o que mudaria totalmente a maneira como a cor azul era vista no ocidente.

O Azul é Poderoso

Um bom exemplo da importância da cor azul nas civilizações antigas são os azulejos esmaltados da Babilônia. O Portal de Ishtar construído em 575 D.C. foi uma edificação monumental. Uma das oito portas para entrar na cidade da Babilônia e por onde passavam os reis em procissão nas comemorações de ano novo. Seus tijolos azuis impressionavam os visitantes, tendo em vista que a cor azul era muito rara no mundo da Mesopotâmia⁴.

Na cultura islâmica o azul é utilizado na decoração da maioria de suas mesquitas. A mais conhecida é a Mesquita Azul de Istambul que é revestida por mais de 20 mil azulejos e belos e ricos vitrais no mesmo tom.

Segundo Michael Baxandall “todo objeto histórico tem um propósito - ou um intento ou, por assim dizer, uma qualidade intencional” (2006. p.81). As grandes mesquitas tinham a intenção de demonstrar a grandiosidade da religião, do saber e do poder islâmico. Nada mais justo, já que a representação de imagens não era aceita no islamismo, que o interior da mesquita remetesse ao divino através da cor.

O Azul é Luz

A Idade Média e suas catedrais góticas foram o palco para o primeiro ato revelador da cor azul e sua parceria com a igreja católica. Digo isso, porque durante mais de um milênio o azul está praticamente ausente da igreja e do culto cristão (PASTOUREAU, 2016). Nessa época as cores litúrgicas eram predominantemente o branco, o preto e o vermelho.

⁴Região histórica situada dentro do sistema do rio Tigre e Eufrates, nos dias modernos, correspondendo aproximadamente à maior parte do Iraque, mais o Kuwait, as partes orientais da Síria, a Turquia do Sudeste e as regiões ao longo das fronteiras turco-sírias e iranianas e iraquianas.

A partir do século XII, os grandes liturgistas⁵ começaram a falar cada vez mais sobre as cores e seus significados, alguns desses estudiosos como Honório de Autun, Ruperto de Deutz, João de Abrances, são citados por Michael Pastoureau:

Sobre o significado das três principais, o branco evoca a pureza e a inocência; o preto, a abstinência, a penitência e o sofrimento; o vermelho, o sangue derramado por e em nome de Cristo, a Paixão, o martírio, o sacrifício e o amor divino. Discordam por vezes em relação às outras cores: o verde, o violeta e acessoriamente, o cinzento e o amarelo. Mas nenhum destes autores faz referência ao azul. O azul não existe (PASTOUREAU, 2016).

Quando, entre 1130 e 1140 o Abade Suger (1081-1151)⁶ manda reconstruir sua igreja, a Abadia de Saint-Denis⁷, ele concede à cor azul um lugar considerável. Partindo do princípio que Deus é luz, Suger inundou com luz sua igreja com o uso dos vitrais.

Depois de Saint-Denis, várias outras catedrais assumiram este mesmo pensamento com relação à luz e a cor. A catedral de Chartres, localizada a 80 quilômetros a sudoeste de Paris, é uma delas. Famosa por seus vitrais que ocupam uma superfície de 2.600 m² – considerada a maior superfície do mundo em vitrais – eles ilustram algumas passagens bíblicas, retratando a vida dos santos e a construção da catedral. Atualmente 80% dos vitrais são originais. O tom de azul utilizado é tão peculiar, e resistente ao tempo, que recebeu o nome de *bleu de Chartres*.

Assim, a luz torna-se um símbolo de vida, então a luz azul seria um símbolo de vida eterna.

O Azul é Ouro

Na paleta das cores, o azul ultramarino tem sido ao longo de séculos extremamente valorizado não só pelo seu valor cromático como também pelos significados a que está associado e pela sua durabilidade e pureza da cor. No Renascimento era o pigmento mais importante e valioso, a tal ponto que vários contratos⁸ expressamente obrigavam o pintor

⁵Estudiosos da liturgia cristã no que diz respeito a todos os ofícios divinos, ritos e cerimônias da igreja católica.

⁶Foi abade de Saint-Denis (França), desde 1122 até sua morte. Hábil diplomata, foi conselheiro de Luís VI e de Luís VII e Regente durante a Segunda Cruzada. Foi chamado, segundo Panofsky, de "o pai da monarquia francesa".

⁷É uma ampla igreja abacial na comuna de Saint-Denis. A igreja abacial foi nomeada catedral em 1966. Embora seja universalmente conhecido como "Basílica de Saint-Denis" na verdade, tem oficialmente o título "Catedral-Basílica". Desde 1966, a abadia tornou-se catedral e sede da diocese de Saint-Denis.

⁸Na questão da cor do manto da Virgem, frequentemente mencionado nos contratos italianos como o mais caro azul ultramarino. Os contratos do Renascimento eram documentos legais que se referem a materiais e mão de

a usá-lo e outros estabeleciam que o mesmo fosse pago à parte ou fornecido diretamente pelo encomendante, cláusulas estas que, além do ultramarino, geralmente só envolviam o ouro (BAXANDALL, 1988).

Os depósitos de lápis-lazúli situavam-se em locais remotos e de pouca acessibilidade, dificultando aos europeus o conhecimento da sua extração e preparação, sendo, por isso, quase nula durante a Idade Média a manufatura com vista à obtenção de pigmento.

Cennino Cennini, em seu Livro da Arte, comenta sobre a dificuldade em se extrair o azul ultramarino da pedra lápis-lazúli e afirma a qualidade impar desse pigmento:

O azul ultramarino é uma cor ilustre, bonita e perfeita, além de todas as outras cores; não se podia dizer nada sobre isso, ou fazer qualquer coisa com ele, que sua qualidade ainda não superaria. E, por causa de sua excelência, quero discutir detalhadamente e mostrar-lhe detalhadamente como é feito. E preste muita atenção a isso, pois você ganhará grande honra e serviço por isso. E deixe parte dessa cor, combinada com o ouro, que adorna todas as obras de nossa profissão, seja na parede ou no painel, brilham em todos os objetos (CENINNO CENINNI, 1859 p. 36).

O azul ultramarino era exportado durante essa época para a Índia e para a Europa que o recebia através da rota do Mediterrâneo, onde era conhecido por Azul de Veneza. Veneza era a porta de entrada da Europa, por ali chegava tudo àquilo que o oriente exportava, tecidos, tapetes, porcelanas, especiarias, matéria-prima como os pigmentos, tecnologia e muito conhecimento.

O Azul é Real

A partir do século XII o azul encontra o seu lugar na hierarquia das cores, o que causa uma modificação nos códigos sociais, nos sistemas de pensamento e nos modos de sentir a cor. A associação da cor azul com a luz faz com que sua ascensão seja rapidamente sentida, principalmente no campo das artes. Um caso que ilustra algumas das relações que podem ocorrer nesse contexto mais vasto é o do uso do azul ultramarino na representação do manto da Virgem. Maria nem sempre esteve representada pelo azul, isso se torna uma constante na pintura ocidental graças ao culto mariano que assegura a promoção dessa nova

obra, e representavam as vontades do comissionamento do patrono, cujos interesses estavam representados e cuja produção foi regulamentada pela guilda. Esses contratos ecoam os requisitos das guildas sobre a autenticidade dos pigmentos valiosos e substituições indevidas, inclusive de metais preciosos por outros. GAGE, 1993, p. 129.

cor. Agora o azul passa a ser a cor oficial do manto de Maria. E se Maria é a rainha dos céus e veste azul, o rei também o fará!

Relembramos que no início somente os Faraós utilizavam a cor azul, agora em uma retomada de glória, o azul renasce como uma cor real.

[...]por volta de 1230-1250, reis como São Luís ou Henrique III da Inglaterra começam a vestir-se de azul, algo que os soberanos do século XII decerto nunca teriam feito. Esses monarcas são rapidamente imitados pela corte que os rodeia e até pelo Rei Artur, o principal rei lendário nascido da imaginação medieval: nas imagens, a partir de meados do século XIII, não só o vemos frequentemente vestidos de azul. A resistência a esta crescente moda dos azuis reais e principescos vem, sobretudo dos países germânicos e da Itália, onde o vermelho, cor do imperador, retarda um pouco a promoção do azul. Mas é uma resistência de curta duração: no fim da Idade Média, mesmo na Alemanha e na Itália, o azul torna-se a cor dos reis, dos príncipes, dos nobres e dos patrícios, continuando o vermelho a ser a cor emblemática e simbólica do poder imperial e do papado (PASTOUREAU, 2016 p65-66).

Mas, nem sempre Maria trajou azul. A cor de suas vestimentas, não depende do gosto do pintor, e sim da hierarquia dos santos nas pinturas. Existia um código de cores que deveriam ser usados nas representações dos personagens sacros. Assim como também existia um código social para os reis e membros da corte representados na mesma pintura.

Se Maria estiver representada ao lado de Jesus, ela não estará vestida de azul ultramarino – pois, essa era a cor mais cara da pintura: Maria é a mãe de Deus, a rainha celestial; entretanto, Jesus não é príncipe, é Deus. Sendo assim, Maria não deve trajar cor hierarquicamente superior à de Jesus. Desse modo, a importância gasta para as vestimentas de Maria precisava ser menor quando ela fosse pintada ao lado de Jesus. Nessas ocasiões ela aparece vestida de azul-escuro, ou com vermelho, sendo assim, era suficiente um ultramarino de qualidade inferior, ou algum outro pigmento azul de menor valor. Em muitos quadros, Maria também é representada vestindo vermelho, especialmente quando ela é retratada em ambiente mundano, como era comum ao final da Idade Média.

O Azul é Imaterial

O azul é a mais imaterial de todas as cores. Na natureza ela se apresenta como sendo a cor da transparência. O ar, a água, o vazio, todos são representados pela cor azul. O azul é a cor da profundidade, é a cor que reflete um movimento de distanciamento do homem,

um movimento dirigido para o seu próprio centro. O azul segundo Wassily Kandinsky, age sobre a nossa alma.

No estudo das cores de Goethe a Pastoureau, a cor azul sempre foi referência de introspecção, imaterialidade, distanciamento. Uma cor que desvenda nossos mistérios e se projeta em nossos sonhos. Projetamos nele nossas utopias de paz, prosperidades, conhecimento sólido e universal e domínio de nossos medos. Toda utopia humana de futuro, se satisfaz no azul. Os atributos puramente formais da cor azul incluem seu poder único para denotar espaço e distância, assim como é usado para criar a ilusão de volume e manipulado para sugerir tridimensionalidade. Leonardo Da Vinci (1452–1519) fala sobre isso em sua teoria da perspectiva aérea.

O azul é a cor do ar, sendo mais ou menos escurecido quando mais ou menos esteja carregado de umidade. (...) existe uma perspectiva que se denomina aérea e que, pela degradação dos matizes no ar, torna sensível a distância dos objetos entre si, mesmo que todos estejam no mesmo plano (Apud PEDROSA, 2014, p. 49).

Imaterial, em si mesmo, o azul desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário. Dois tons de azul alinhados nos dão a impressão de profundidade infinita que uma linha do horizonte é capaz de nos traduzir. Duas linhas paralelas, que por ocasião das tonalidades do azul, nos remetem ao ar e a água, materializando o vazio.

Agora que já estamos familiarizados com as representações da cor azul e com a sua importância em diversas culturas, vamos adentrar em outro modo de ver a cor. A partir daqui, abordo dois modos de uso da cor azul na arte e suas relações com o que foi visto até aqui, tudo isso pelo olhar de alguns artistas de estilos diferentes, mas que estão ligados pela representatividade do azul em suas obras.

Azul atmosférico

Entenda-se por atmosférico o uso da cor de forma emocional. A cor servindo de estrutura para o pensamento. Como o próprio nome diz, é um azul que preenche a atmosfera da obra. Muitos pintores têm obras com essa temática. Desde o romantismo ao modernismo alguns exemplos ilustram essa pesquisa, e cada um desvela um sentimento único sobre o azul.

Caspar David Friedrich (1774-1840), um dos maiores, se não o maior, pintor romântico alemão e conhecido pela sua genialidade ao representar paisagens, utiliza muito a

cor azul em suas obras. Friedrich era um pintor contemplativo, com uma habilidade de concentração que lhe permitia aprofundar-se na percepção da natureza espiritual da paisagem. Ele escreveu: “Feche seu olho carnal para ver a imagem primeiro com o olho do espírito; então traga à luz do dia aquilo que viu na escuridão, para que a imagem gerada possa agir sobre as demais de fora para dentro”.



Figura 1 - Caspar David Friedrich (1774-1840) - O Andarilho Sobre o Mar de Neblina, 1817
Óleo sobre tela Dimensões 94 x 74,8cm | Localização Acervo Kunsthalle
Hamburgo | Imagem licenciada fonte: WikiCommons

Friedrich recusou-se veementemente, do mesmo modo que Vincent Van Gogh (1853-1890) duas gerações mais tarde, a integrar-se de maneira explícita ao movimento de retomada de temas bíblicos e religiosos na pintura. Sem fazer uso desse imaginário religioso, seus trabalhos mesmo assim expressavam um profundo sentido espiritual. E nesse ponto a cor azul vem enfatizar esse caráter espiritual, contemplativo e por vezes, melancólico. Em *O Andarilho sobre o mar de neblina*, 1817, temos um exemplo disso (Fig.01).

Friedrich não teve uma fase azul e nem tão pouco se utilizava somente desta cor, mas quando o fazia era perfeito em unir cor e sentimento em suas representações da natureza. Sobre isso o historiador Giulio Carlo Argan comenta:

[...] mais do que a angústia e a fúria, ele expressava a elevada e sublime melancolia, a solidão, a angústia existencial do homem diante de uma natureza mais misteriosa e simbólica do que adversa. A relação com a natureza é quase sempre de atração, porém isso não exclui a separação e incomunicabilidade, o isolamento nostálgico do homem “civilizado” frente à natureza (ARGAN, 1992 p. 169).

Nenhuma outra cor representaria melhor esses sentimentos do que a cor azul se formos nos basearmos nas simbologias apresentadas até aqui. Mais do que uma representação da paisagem, vemos em suas telas uma espécie de romantização do tema.

Outro artista que utilizou o azul de forma atmosférica em suas obras, foi o inglês Joseph Mallord William Turner (1775-1851). Ele tinha uma especial predileção pelo espaço atmosférico e pelo fenômeno da luz. Experimental e espontâneo em sua abordagem, Turner pintou o sentimento atmosférico muito mais do que o cenário de cada lugar que visitou. Turner encontrou drama em montanhas e penhascos, em formações meteorológicas e mares tempestuosos, em nasceres e pores do sol, captando não apenas o que parecia ser, mas o que parecia ser, estar lá.



Figura 2 - William Turner (1775-1851) - The Blue Rigi: Lake of Lucerne - Sunrise, 1842
Aquarela | Dimensões 29,7 x 45 cm | Coleção Privada
Fonte: <<https://www.william-turner.org/>> | Imagem sem direitos autorais

Para Turner a cor era o grande protagonista das suas obras e ele foi tão experimental com as cores que algumas de suas telas se tornaram, de fato, incompreensíveis para muitos de seus contemporâneos. Turner antecipou os impressionistas, em alguns momentos os superando em ousadia, tinha afinidades com os expressionistas⁹ e iria impactar, com sua obra, mesmo o futurismo¹⁰ italiano.

Claude Monet (1840-1926) tem uma passagem interessante pela história da cor azul. Nos últimos anos de sua vida, atormentado por problemas de visão, Monet pintou diversas obras onde a cor azul foi preponderantemente utilizada. Ele poderia estar tentando

⁹Termo utilizado pela crítica e pela história da arte em que as ideias tradicionais são abandonadas em favor de distorções ou exageros de forma e de cor que expressão, de modo premente, a emoção do artista. Cf. CHILVERS, 2007

¹⁰ Movimento artístico, de implicações políticas fundado em Milão pelo poeta italiano Marinetti em 1909, o movimento glorificava o mundo moderno numa série de exuberantes manifestos. Cf. CHILVERS, 2007

fazer uma declaração artística, ou capturar um humor particular. Mas o motivo pelo qual as telas eram azuis poderia ser pelo simples fato de que esta era a única cor que Monet podia enxergar. "Eu vejo azul", disse Monet a seu médico em 1924, um ano e meio depois que ele operou a catarata do olho direito. "Eu não vejo mais vermelho ou amarelo. Isso me irrita terrivelmente, porque eu sei que essas cores existem. É imundo. É desagradável. Não vejo nada além de azul"¹¹ (DOYLE, 1985).



Figura 3 - Uma das duas salas ovais que abrigam os painéis de Monet no Musée de l'Orangerie, Paris | Imagem licenciada | Fonte: WikiCommons

Depois de operar os dois olhos, Monet ainda trabalhou por mais alguns anos até a data de sua morte. Nesse período ele terminou uma série de pinturas chamadas *The Nymphéas [Water Lilies]*. Essa série foi inspirada no jardim da água que ele criou em sua propriedade em Giverny na Normandia. Resultou nos grandes painéis finais, doados por Monet ao Estado francês em 1922 e que são exibidos no *Musée de l'Orangerie* desde 1927 (Fig. 03).

Pablo Picasso (1881-1973) figura neste capítulo sobre o azul atmosférico da melhor maneira possível; apresentando a sua fase azul. O período azul de Picasso é o período entre 1900 e 1904, quando pintou obras essencialmente monocromáticas em tons de azul, apenas ocasionalmente aquecidas por outras cores. Essas sombrias obras, inspiradas na Espanha, mas pintadas em Paris, são agora algumas de suas obras mais populares. Picasso instalou-se em Paris em 1904, tendo passado alguns anos difíceis sem estúdio fixo e pouco sucesso artístico.

Em 1903, ele havia produzido suas obras do período azul, que pareciam refletir sua experiência de pobreza relativa e instabilidade, representando mendigos, moradores de rua, velhos frágeis e cegos e algumas prostitutas, como em *O velho guitarrista*, 1903 (Fig.

¹¹Cf. DOYLE, Larry. Monet's blue period tied to eye problems. Disponível em: <<https://goo.gl/4P8bAK>>

04). Enfim, toda a sorte de pessoas marginalizadas ou vítimas da sociedade, cujo *pathos*¹² reflete o sentido de isolamento do próprio artista, todos retratados com uma melancolia levemente sentimentalizada, expressa em frios e etéreos tons de azul.

Pablo Picasso é o artista mais lembrado quando se fala da cor azul e ele a utilizou muito bem no que tange a simbologia e a carga emocional de suas obras. Podemos dizer que a partir de Picasso o azul foi associado diretamente a tristeza e a dor, assim como talvez não seja errado afirmar que ele influenciou o estilo de alguns artistas como veremos a seguir. Esses sentimentos imateriais que também estavam presentes nas obras dos demais artistas que citei ao longo desse capítulo se solidificaram a partir do período azul de Picasso. Mas isso não desabona toda as representações anteriores.



Figura 4 - Pablo Picasso (1881-1973) – O Velho Guitarrista, 1903
Óleo sobre tela | Dimensões 121,3 x 82,5 cm
Imagem licenciada fonte: WikiCommons

Nenhuma outra cor teria o mesmo poder representativo do azul. O atmosférico encena e envolve uma série de sentimentos, uma atmosfera mágica, trágica e solitária que acompanhou a história da pintura nos últimos séculos. A emoção nos atinge assim como a cor.

Um exemplo bem atual do uso da cor azul de forma atmosférica é o que podemos encontrar no trabalho do brasileiro Cildo Meireles (1948). Cildo não tem uma ligação direta com a cor azul, poucos de seus trabalhos utilizam essa cor, mas em se tratando de azul

¹²Pathos ou path é uma palavra grega que significa paixão, excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento, sentimento e doença. O conceito filosófico foi criado por Descartes para designar tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado (pelos filósofos) de pathos.

atmosférico não pude deixar de citar essa instalação que envolve nossa visão, nossa audição em busca de um lugar idealizado.



Figura 5 — Cildo Meireles (1948) - *Marulho*, 1991-2006 | Deque de madeira, livros, trilha sonora | Dimensões variáveis | Instalação na Fondazione Hangar Bicocca em 2014, Milão
Imagem licenciada | Fonte: WikiCommons

Em *Marulho*, 1991, um mar virtual foi criado com 17 mil folhas de livros abertos em páginas que mostram fotos de água do mar. Do píer, o espectador mergulha em um imenso azul que fascina os olhos e simula o movimento das ondas criadas pelas páginas, enquanto vozes repetem a palavra "água" em 80 idiomas, (Fig. 05). Presencia-se uma experiência de imensidão, de impossibilidade.

Experimentar a instalação *Marulho*, significa sentir-se em outro lugar. A obra cria seu próprio espaço, levando o espectador para longe dali e, ao mesmo tempo, sem conseguir alcançar de fato o longe. É o conceito poético de água combinado com a ideia da sedução da cor que é evocado pelo artista neste trabalho.

Encerro esse tópico com a certeza de que o uso da cor azul de modo atmosférico percorreu vários períodos da história da arte, assim como foi utilizado em vários suportes, sempre ligado as representações culturais e emocionais com as quais foi definido durante séculos. Cada um dos artistas citados, e muitos outros que não constaram neste período, tinham um motivo próprio para utilizar o azul e mesmo dispondo de uma paleta variada o azul jamais poderia ser substituído por outra cor e trazer a mesma atmosfera e envolvimento.

Yves Klein

Existem diversos tons de azul. E existe o azul de Yves Klein.

Poucos artistas estiveram tão intimamente ligados a uma cor específica, ou tornaram a cor tão diretamente palpável em sua arte como Yves Klein (1928-62). Para ele, o meio era crucial para a mensagem, e seu meio foi a cor azul. Considero importante trazer a relação de Yves Klein com a cor azul para essa pesquisa, considerando que ele foi um marco na história da cor. No mesmo período em que Yves iniciava seus experimentos monocromáticos, outros artistas contemporâneos a ele, também flanavam pelo mesmo caminho, esse período entre 1955 e 1965 foi muito produtivo em se tratando de azul.

Desde muito cedo, a escolha da cor como forma de expressão de uma sensibilidade totalmente liberta no espaço, constituiria um eixo fundamental no projeto artístico de Yves Klein. Ele rejeitava a linha e o desenho por considerá-los uma limitação e um aprisionamento dos conceitos do pensamento formal, o que ia claramente em contraposição com seu lado espiritual.

Talvez seu amor ao azul seja menos específico e mais profundo. Klein era um católico piedoso, e na arte religiosa o azul geralmente representa eternidade e piedade. Por exemplo, Giotto di Bondone (1276-1337), que Klein admirava, era um brilhante defensor do azul. Os monocromos ultramarinos de Klein não são abertamente cristãos, mas ele certamente usou a sensibilidade do IKB¹³ para sugerir espiritualidade. O azul é Divino e Klein tinha esse conceito latente. Como ele disse uma vez, citando Gaston Bachelard¹⁴: "Em primeiro lugar não há nada, então há um profundo nada, depois disso uma profundidade azul".

Klein atribuiu um papel particular à cor azul, que incorporou para ele os aspectos mais abstratos da natureza tangível e visível, como o céu e o mar. Em 1956, com a ajuda do químico parisiense Edouard Adam, Klein chegou ao final de uma pesquisa de um ano, a procura de um fixador para seu pigmento ultramarino. Foi uma vitória conseguir desenvolver uma solução composta de éter e derivados de petróleo que conferiam ao azul uma tonalidade extremamente saturada, luminosa, dotada de uma presença total, "a mais perfeita expressão do azul"¹⁵. Uma tonalidade que impregnava o espectador, provocando uma completa imersão na cor. Era criado o IKB, cor patenteada por Yves Klein e hoje conhecida e utilizada mundialmente.

Yves Klein está ligado diretamente a cor azul. Mesmo que ele não a tenha utilizado com a mesma simbologia que os demais artistas citados nessa pesquisa, a história da

¹³ IKB – International Klein Blue é o nome da cor azul patenteada por Yves Klein

¹⁴ Foi um filósofo e poeta francês. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência. Yves Klein encontra em Bachelard as bases definitivas para desenvolver sua arte.

¹⁵ Cf. WEITEMEIER, 2005 p.15

cor azul não seria a mesma sem o IKB. Klein não se utilizou da cor para expressar seus sentimentos como Picasso, ele esgotou seus modos usos na busca por uma experiência sensorial completa independente do seu estado emocional. Yves Klein era movido pela cor, e depois dele muitos outros começaram a utilizar o azul como uma espécie de fonte de energia que liga toda a sua simbologia milenar ao seu pensamento contemporâneo de arte e representação.

Para alguns artistas o azul tornou-se uma cor muito forte e não podia perder-se em uma obra, ele precisava ser o ponto de atenção. E assim foi, como veremos no próximo tópico.

Azul pontual

Entenda-se por azul pontual ou azul como ponto de atenção, o artifício que alguns artistas utilizam para chamar atenção em suas obras para um determinado ponto ou sobre um sentimento externado através da simbologia da cor azul. A aplicação pontual da cor reforça o ponto de interesse. O que na fotografia seria o *Punctum*. O *punctum* é um conceito elaborado por Roland Barthes¹⁶(1915-1980) no livro *A câmara clara*, um clássico da teoria fotográfica. *Punctum* forma, juntamente com o *studium*, a dualidade que norteia o interesse por uma fotografia. Para Barthes, o *punctum* tem caráter subjetivo, é um interesse que se impõe a quem olha a fotografia, e diz respeito a detalhes que tocam emocionalmente o espectador e variam de pessoa para pessoa, é o que estimula na fotografia, o que fere o apreciador. E porque realmente atinge, faz a fotografia viver no interior de quem a observa. Confere ao espectador uma voz, a oportunidade de colocar a sua opinião, “ (...) é aquilo que eu acrescento à fotografia e que, no entanto, já está lá” (BARTHES,1984 p32). Em minha opinião, o mesmo pode ser aplicado a outras formas de arte.

Até aqui já ficou claro algumas das simbologias que a cor azul possa ter, desde os tempos mais antigos até a modernidade. Compreendemos também que alguns artistas utilizaram algumas dessas simbologias, direta ou indiretamente em suas obras tentando expressar valor, sentimentos, devoção ou imaterialidade. O azul pontual talvez fuja um pouco

¹⁶Roland Barthes foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Formado em Letras Clássicas em 1939 e Gramática e Filosofia em 1943 na Universidade de Paris, fez parte da escola estruturalista, influenciado pelo linguista Ferdinand de Saussure. Crítico dos conceitos teóricos complexos que circularam dentro dos centros educativos franceses nos anos 50. Entre 1952 e 1959 trabalhou no Centre national de la recherche scientifiques - CNRS.

dessas representações mais explícitas, trazendo a questão para um lado mais pessoal entre o artista, a obra e o espectador.



Figura 6 - Frame do Filme La Femme en Bleu

Em 1973 um filme franco-italiano chamado *La Femme en Bleu*, do diretor francês Michel Deville (1931) foi lançado nos cinemas. Ele conta a história de um homem que fica encantado por uma mulher desconhecida que aparece sempre vestida de azul, (Fig. 06). Alucinado por essa aparição, Pierre, o personagem principal, tenta desesperadamente encontrar essa mulher, que claramente é a personificação da felicidade. Representada em azul, essa felicidade é o imaterial, o inatingível, o divino, o inacessível. Conforme o que foi apresentado até aqui, por essa pesquisa, podemos chegar a essa observação. Não há mais aqui uma questão de tristeza ou de melancolia, mas sim uma busca, um foco, algo que pode oscilar entre presente, passado e futuro. Como em *O Pássaro Azul (The Blue Bird)*, peça escrita em 1908 pelo dramaturgo belga Maurice Maeterlinck (1862-1949) e adaptado para o cinema em mais de uma versão, conta a história da busca pelo pássaro da felicidade, representado também pela cor azul, que pode estar em qualquer lugar, inclusive aqui.

É baseado nesse sentido que escolhi alguns artistas que trabalham com o azul em suas obras de forma pontual. Apresento esse outro modo de uso da cor azul e suas personificações pessoais, não só na pintura, mas na escultura, na performance e como já vimos, no cinema. A história vai se modificando, os suportes vão se diversificando, mas a cor azul permanece em sua trajetória representativa.

The Blue Tree, trabalho do egípcio Konstantin Dimopoulos (1954) é uma forma de utilização da cor azul de maneira pontual integrado a natureza. Konstantin é um artista conceitual e social, cuja prática artística é fundamentada em suas filosofias sociológicas e humanistas. Suas práticas de fabricação de arte, poderosas e, muitas vezes, provocadoras de

pensamento, investigam questões relevantes, a nível mundial, relacionadas à ecologia e à condição humana. A prática multidisciplinar de arte de Dimopoulos incorpora escultura, instalação, performance, pintura, gravura e desenho na criação de imagens monumentais, intervenções sociais e ambientais e propostas conceituais que argumentam o potencial da "arte" como meio de engajamento e mudança social.¹⁷



Figura 7 - Konstantin Dimopoulos (1954), *The Blue Trees* 2011, Biennale de Vancouver, Canada | Imagem licenciada fonte: WikiCommons

Na instalação *The Blue Tree*, a cor azul, foi escolhida por ser inusitada na natureza, interagindo com as árvores e tornando-as algo surreal, (Fig. 07). O simbolismo da cor se reflete na intenção da sua obra, sendo assim um forte motivo para que a cor azul faça parte desse projeto.

The Blue Tree é uma ação de arte social. Através da cor eu estou fazendo uma declaração pessoal sobre a espiritualidade das árvores e sua importância para a nossa sobrevivência: as árvores são o pulmão do planeta. A cor é um poderoso estimulante, um meio de alterar a percepção e definição de espaço e tempo. O fato de que o azul é uma cor que não é naturalmente identificado com árvores, sugere ao espectador que algo incomum, algo fora do normal, aconteceu. Torna-se uma transformação mágica. [...] Na natureza, a cor é usada tanto como um mecanismo de defesa, um meio de proteção, e como um mecanismo para atrair. As árvores azuis tentam despertar uma reação similar nos espectadores. É dentro deste contexto que o azul indica santidade, algo reverencial.¹⁸

O pigmento utilizado é à base de água e não prejudica as árvores e vai saindo ao longo de alguns meses. Mas certamente a paisagem não volta a ser como antes, depois de ser tão ricamente percebida e vivenciada.

¹⁷ Biografia fornecida pelo site do artista. Disponível em: <<https://goo.gl/EErJvw>> acessado em 15/12/2017.

¹⁸ Trecho retirado do depoimento em vídeo do artista disponível em: <<https://goo.gl/7sfpeX>> acessado em 15/12/2017.

Lita Albuquerque (1946), artista ambiental, pintora e escultora, com uma carreira de quatro décadas, mantém um diálogo contínuo entre o céu e a terra. Como forma de homenagear sua infância na Tunísia procura se utilizar sempre da cor azul em suas instalações. Em *Sol Star*, 1996, Lita mapeou as constelações sobre as Pirâmides de Gizé com círculos do puro pigmento azul ultramarino que se tornaria sua assinatura. Esse trabalho foi apresentado na 6ª Bienal Internacional do Cairo, onde Lita representou os Estados Unidos, e deu a ela o prestigiado prêmio da Bienal do Cairo. A instalação de arte efêmera¹⁹ ao sul das Grandes Pirâmides de Gizé, *Sol Star* consistia em três toneladas de pigmento azul em pó, dispostas em um padrão específico de noventa e nove círculos azuis através da superfície do deserto. Cada círculo de pigmento era de um diâmetro diferente para refletir o brilho variável das estrelas diretamente acima. *Sol Star* criou um mapa de estrelas “espelhado” nas areias do deserto, (Fig. 08).



Figura 8 - Lita Albuquerque (1946), *Sol Star*, 1996, Pirâmides de Gizé para a 6ª Bienal Internacional do Cairo, Cairo, Egito | Fonte site da artista

A cor azul está presente, representando aqui o efêmero, o imaterial e a espiritualidade na obra de Lita. Tentando chamar a atenção do espectador o azul funciona como um elo entre o sentimento de efemeridade e a materialidade das questões abordadas. Sobre o uso da cor em seus trabalhos a artista relembra:

[...] a ideia do azul vem de muitas fontes. Em primeiro lugar, sempre que eu fecho meus olhos, essa é a cor que vejo, como se tudo estivesse coberto com este pigmento granular ultramarino. Também me inspirou o fato de crescer no norte da África, onde todos os edifícios de lavagem branca têm portas e janelas pintadas nesse azul, e o céu noturno lá, mesmo que escuro, tem a sensação de azul. O azul tem sido uma cor cobiçada através da história da arte, e o ultramarino foi uma invenção dos químicos, que através de um processo de mistura de argila e enxofre conseguiram

¹⁹ De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural Arte efêmera é um conceito curatorial utilizado para denominar instalações, happenings e performances que não têm pretensão de ser perenes e se opõem às formas mais tradicionais da arte, como a pintura ou a escultura. Disponível em: <<https://goo.gl/gMj71y>> acessado em 29/12/2017.

produzir o que parecia em muito com o lápis lazuli. Mas agora os artistas podiam pagar por ele.²⁰

Assim como Lita Albuquerque, Jeff Koons, (1955), produziu uma série que liga passado e presente na história da arte. Koons é amplamente reconhecido por suas pinturas corajosas e esculturas monumentais. Usando a estética foto realista e comercial familiar de uma geração anterior de artistas Pop, Koons gerou seu próprio estilo universalmente reconhecível, que frequentemente compreende superfícies lisas, altamente reflexivas e cores brilhantes e saturadas. Koons normalmente trabalha com séries, tocando em assuntos da cultura popular e da história da arte que muitas vezes relembram a infância, a fim de capacitar o espectador para alcançar um estado de transcendência pessoal.²¹

Em *Gazing Ball*, 2013 Koons apresenta um trabalho que traz algumas figuras conhecidas da história da arte, dentro de um contexto contemporâneo, tendo como ponto de ligação a cor azul presente em um objeto chamado “bola de observação”²², (Fig. 09).



Figura 9 - Jeff Koons (1955) *Gazing Ball*, 2013 | Gesso e vidro| (Apollo Lykeios – Dimensões 239,4 x 94,3 x 87,6 cm) (Farnese Hercules - Dimensões 326,4 x 170 x 123,5 cm), (Diana - Dimensões 174,9 x 80,6 x 102,6 cm). Fonte site do artista

Essas esferas de vidro nada mais são do que ornamentos de jardim que foram criadas em Veneza por volta do século XVI e que se popularizaram entre as famílias nobres da Itália. O rei Ludwig II da Baviera conheceu essas esferas ornamentais e ficou encantado, mandou então encomendar várias para ornamentar os jardins do seu palácio. Dizem que remonta daí a tradição de colocar bolas coloridas nas árvores de Natal.

²⁰ Trecho de entrevista disponível em: <<https://goo.gl/qbHXTn>> acessado em 16/12/2017

²¹ Trecho da Biografia do artista retirado do site da Galeria David Zwirner, disponível em: <<https://goo.gl/Xda32D>> acessado em 16/12/2017.

²² Leia mais sobre isso em: <<https://goo.gl/ugSyWe>>

O que temos aqui representado neste trabalho de Koons é um objeto “kitsch”²³ associado a uma cópia de obra de arte clássica. Uma ligação entre a “alta arte” e a “baixa arte”, em um diálogo de permanência. Essa transcendência está representada pela cor azul que carrega consigo a simbologia do eterno, do infinito e de tudo que perpassa o seu tempo.

Essa representação da cor azul na arte contemporânea foge, e muito, do que foi visto no início deste texto, onde o artista colocava seu sentimento, vivenciava sua dor através das cores. Agora, podemos observar uma questão muito mais individualista, uma abordagem mais pessoal. Cada uso depende unicamente do momento em questão. Assim como o atmosférico engloba e externa, o pontual se fecha e endurece em seu conceito.

Ao longo dessa pesquisa me deparei com muitas exposições que baseavam sua curadoria na cor azul, o que me fez pensar que mais alguém, além de mim, também tinha a mesma visão e talvez as mesmas dúvidas. Sobre esse assunto, podemos abrir um parêntese para falar sobre algumas destas exposições.

Infinity Blue, que foi apresentada no *Brooklyn Museum* em NY, de 25 de novembro de 2016 à 30 de novembro de 2017. Uma exposição dedicada exclusivamente a cor azul, que contou com obras de diversos períodos da história da arte, desde o Antigo Egito até chegar a arte contemporânea.

As obras de arte em *Infinity Blue* apresentam azul em toda sua variedade - uma fascinante vertente de poesia visual que corre desde os tempos antigos até o presente. Em culturas que remontam a milhares de anos, o azul - a cor dos céus - tem sido frequentemente associado ao espiritual, mas também significa poder, status e beleza. Os aspectos espirituais e materiais do azul se combinam para nos contar histórias sobre história global, valores culturais, inovação tecnológica e comércio internacional.²⁴

É essa conexão interdisciplinar que venho ressaltando ao longo desta pesquisa. Essa ligação conjuntiva entre cor, simbolismo, arte e tempo. Nancy Spector, diretora adjunta do Brooklyn Museum e curadora-chefe da exposição em entrevista de divulgação do evento afirmou:

Infinity Blue é uma demonstração inspiradora de como os curadores do *Brooklyn Museum* podem trabalhar de forma colaborativa em departamentos para examinar a história rica e entrelaçada de culturas mundiais. Eles estão repensando a coleção global através da lente do azul, para iluminar temas culturais compartilhados ao

²³ Termo alemão, significando “objeto vulgar ou sem valor” que entrou em voga em princípios do século XX. Designava desde atrocidades comerciais, como lembranças para turistas, até pretensas obras de arte, consideradas pouco honestas. Cf. CHILVERS, 2007 p. 285.

²⁴Trecho do texto curatorial da exposição disponível em: <<https://goo.gl/274zVe>> acessado em 19/12/2017.

longo dos tempos, como o comércio, a espiritualidade, o simbolismo e a inovação material.²⁵

A exposição *Blue Times*, apresentada no *Kunsthalle Wien Museum*, em Viena na Áustria entre os dias 01 de outubro de 2014 à 11 de janeiro de 2015, teve mais de trinta posições artísticas internacionais em um espaço aberto. Justapostas para projetar uma história social associativa da cor que se concentra em seu poder psicológico, metafórico e associativo, mas também sua instrumentalização para fins ideológicos, políticos e econômicos. Com curadoria de Amira Gad e Nicolaus Schafhausen tinha o seguinte texto como apresentação:

No Ocidente, a onipresença do azul no domínio do design público e do conforto privado está enraizada na sua recepção psicológica: o olho europeu aparentemente considera que é a cor mais agradável. Portanto, o azul é o instrumento perfeito para controlar mentes e corpos e uma ferramenta para rastrear gênero, classe e pertences políticos. O azul é a cor anticomunista por excelência. O azul também foi escolhido como a cor da União Europeia, selecionado para simbolizar a unidade na diferença, bem como a capacidade de unir-se no consenso. Portanto, a cor é antes de tudo uma questão social, uma variedade de códigos e valores marcados historicamente e geograficamente. Através da cor, tabus e preconceitos circulam e nos influenciam, nosso ambiente, nossa linguagem e nosso imaginário.²⁶

Blue Art Exhibition contou com inspiração de seis artistas membros da *London Professional Artists Network* de Londres. O espaço da arte, *Kingston Cass Art*, em Kingston, abrigou a mostra de 14 de dezembro de 2016 à 14 de janeiro de 2017. A mostra contou diversas obras de arte com uma inspiração particular na cor azul apresentando uma exposição coesa em torno de uma cor central e ainda diversificado na variedade de obras de arte e mídia exploradas.

Estudos mostram que o azul é a cor favorita de mais da metade da população. Mas porquê? No mundo natural da flora e da fauna, a cor azul é muito rara. E, no entanto, é tão prevalente nas duas maiores áreas da realidade que captam nossa atenção e nossa imaginação - o céu e a água. Talvez muitos de nós sejamos atraídos pela cor azul porque está sempre fora do nosso alcance. O azul é uma cor particularmente simbólica. [...]O azul é cativante e atraente. É expansivo. Muitas vezes, o azul significa espaço. O azul é fundamentalmente uma cor expansiva, uma cor que fala de liberdade, deserto e espaço - espaço infinito - expansão do espaço.²⁷

²⁵ Trecho do depoimento sobre a exposição publicado no site NY ART BEAT disponível em: <<https://goo.gl/X3Nf7J>> acessado em 19/12/2017.

²⁶ Trecho do texto de apresentação da exposição disponível em: <<https://goo.gl/zVXjff>> acessado em 02/01/2018.

²⁷ Trechos retirados do texto curatorial da exposição disponível em: <<https://goo.gl/9HcR3i>> acessado em 02/01/2018.

Ainda em cartaz, desde 24 de março de 2017, a exposição *Seeing Blue*, apresenta o trabalho de vinte artistas internacionais contemporâneos²⁸ pensando sobre a representação da cor azul. Gallery25N fundada em 2002 com sede em Peekskill, cidade do estado de Nova York investiu nesse tema e promoveu um belíssimo encontro cultural de arte centralizado na cor azul.

Uma continuação atraente permeia essa montagem de obras que decorrem de imagens de esperanças dispersas para aquelas de restaurações espirituais suaves. O realismo literal e resumos futuristas arrojados juntam-se a esta exposição com uma conexão estética notável. Não se pode deixar de questionar: "O azul se adapta à imagem ou o azul concorda com a mensagem?" No entanto, opta por perceber essa coleção, é evidente que as aplicações únicas e impressionantes da cor azul a elevam para o propósito de novas reflexões; A ampla gama de emoções aqui expressas torna isso bastante evidente.²⁹

Em Melbourne, Austrália, a *National Gallery of Victoria – NGV Internacional* apresentou uma exposição intitulada *Blue Alchemy of a Colour*. De 06 de novembro de 2015 à 3 de abril de 2016 o setor de arte asiática do museu selecionou, dentro de seu acervo, obras com a temática da cor azul que incluiu cerâmica persa, chinesa, japonesa e vietnamita, têxteis tingidos de índigo da China, Japão, Sudeste Asiático, Ásia Central e Índia e trabalhos selecionados do Egito, Inglaterra e Itália. *Blue Alchemy of a colour*, explora as obras de arte asiáticas e europeias do século VII até o presente, inspiradas na cor azul. Composto por mais de setenta cerâmicas, pinturas, estampas e têxteis, a exposição se concentra em cobalto azul e índigo: dois dos corantes mais distintivos e influentes empregados em todo o mundo.

Carol Cains e Matthew Martin curadores chefe do *NGV Intenational* comentam no site do museu sobre a exposição:

Pigmento azul de cobalto e tintura azul índigo são dois dos corantes mais distintivos e influentes empregados por artistas em todo o mundo. Azul: a Alquimia de uma Cor explora como os artistas criaram trabalhos na paleta desejável azul e branca usando uma ampla gama de métodos e estilos, para produzir obras de arte únicas e requintadas. Em exibição na Galeria Rio Tinto de Arte Asiática, Blue revela a fascinante metamorfose de padrão, forma e motivo decorrente do comércio global desses trabalhos, e os contos contados através do uso desta cor em cerâmica, têxteis, gravuras em madeira e pinturas.³⁰

²⁸ Lista e apresentação de todos os artistas e trabalhos selecionados, disponível em: <<https://goo.gl/sBpTZV>> acessado em 02/01/2018.

²⁹ Trecho do texto de apresentação da exposição disponível no site da galeria em: <<https://goo.gl/8RVP9G>> acessado em 02/01/2018.

³⁰ Trecho do texto de apresentação da exposição retirado do site do Museu NGV Internacional – Gallery of Asian Art, disponível em: <<https://goo.gl/1o3zPJ>> acessado em 02/01/2018.

Em 2014 aqui no Brasil, em São Paulo, o *Gris Escritório de Arte* aconteceu a exposição coletiva *#kindofblue*, com curadoria de Sue-Elie Andrade-Dé, inspirada na cor azul e em todas as possibilidades criativas que a envolvem. A mostra aconteceu sob uma perspectiva de improvisação, de multiplicidade, a intenção é explorar todos esses conceitos, em obras que não necessariamente reproduzem a coloração, mas que, de alguma forma, transmitem as sensações que o azul carrega.

E em Porto Alegre, o Grupo de Estudos em Processos Fotográficos Históricos e Alternativos da UFRGS montou exposição coletiva “Herdeiros de Hirschel” na Casa de Cultura Mario Quintana. A abertura aconteceu dia 7 de dezembro de 2017 e foi uma parceria entre o Instituto de Artes e a faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Na mostra, são exibidos trabalhos sobre papel de algodão, papel vegetal, tecido e azulejo, além de objetos tridimensionais como um fotolivro, móvel e dois vestidos. As obras resultam da interpretação de cada artista, a partir de seu próprio repertório, do significado do “azul” através dos diferentes materiais em que a cianotipia pode ser aplicada. A técnica foi idealizada pelo pesquisador que dá origem ao nome da atividade, Sir John Herschel, em 1842.

Com essas informações, podemos concluir, que a cor azul é um tema vasto para pesquisa, o que endossou os argumentos para que eu continuasse a desenvolver as questões aqui presentes.

Voltando ao azul pontual, um dos primeiros nomes a fazer parte da minha lista foi o de Willian Kentridge (1955). Nascido em uma família rica em Johannesburgo, descendentes de refugiados judeus da Rússia e da Europa, que por gerações, haviam estado profundamente envolvidos em questões políticas e de direitos humanos na África do Sul. Ambos os pais eram advogados, famosos por sua defesa das vítimas do apartheid. Sua obra tem um discurso político muito presente e uma gramática visual que reflete o intenso interesse do artista pela mecânica da visão como um meio de construir mundos.



Figura 10 - William Kentridge (1955), para o filme Stereoscope, 1999 | Carvão e pastel sobre papel
Dimensões 120 x 160cm | Localização: Johannesburg Art Gallery | Imagem retirada do catálogo da exposição.

Na sua paleta dominante de preto e branco, os toques ocasionais de azul, muitas vezes, significam a fluidez sensual ambígua e a capacidade de renovação da água. A água azul ainda simboliza emoções, conexão emocional e cura em seus filmes, (Fig. 10). O azul está associado à paz, espera, esperança, retrospectiva e tristeza. A presença da cor azul e sua simbologia, na obra de Kentridge reforça a sensibilidade, a perda e a dor, retornando ao que foi visto nas obras apresentadas no início desta pesquisa.

Trabalhando com fotografia em preto e branco a artista portuguesa Helena Almeida (1934) se utiliza da cor azul para definir espaço em suas obras. Helena Almeida nasceu em Lisboa, desde cedo teve contato com a arte, seu pai era o escultor português Leopoldo de Almeida, famoso por suas obras monumentais que incluem o Monumento aos Descobridores de Lisboa em Belém. Estudou pintura na escola de Belas Artes de Lisboa e tem mostrado regularmente a sua obra a partir de finais dos anos 1960. Desde o início da sua carreira, explora e questiona disciplinas tradicionais, em especial pintura, procurando constantemente romper com o plano pictórico.

A cor azul surge em seu trabalho como sinônimo de espaço e energia. Sobre o uso dos azuis Helena declara em uma de suas entrevistas:

Uso uma mistura de azul-cobalto com azul-ultramarino. É o azul mais energético que eu consegui fazer e que simultaneamente associo com o espaço. Não podia ser vermelho, verde ou amarelo. Tinha que ser uma cor que tivesse a ver com estas duas ideias: energia e espaço.³¹ [...]Uso o azul porque é uma cor espacial. (...) Tem de ser azul. Às vezes ponho vermelho; é uma tinta que tem outros significados, como o peso. Uso-o quando não estou querendo representar o espaço. Uso o azul para

³¹ Helena Almeida em entrevista a Isabel Carlos, in *Helena Almeida*, Milano: Electra, 1998, p. 52.

mostrar o espaço; ou quando abro a boca, aí ponho o azul. É a busca pelo espaço, é engolir a pintura. É me agarrar à pintura... Tem de ser o azul.³²

Ela não faz autorretratos, mas quase todas as suas obras retratam a artista ao longo dos seus 40 anos de carreira. Ela usa um tom particular de azul, não muito diferente do famoso YKB de Yves Klein, mas refuta qualquer semelhança ou referências ao artista francês.³³

Analisando a obra de Helena podemos perceber uma influência do movimento neoconcreto que se reuniu no Brasil sob a liderança de Hélio Oiticica e Lygia Clark. Helena abraçou seu desejo de libertar a cor no espaço tridimensional ela começou a experimentar maneiras de quebrar com os limites de uma tela. No momento de fazer *Estudo para Melhorias Internas*, 1977, o conceito de antropofagia (canibalismo cultural, a ideia de consumir outras culturas como forma de afirmar a independência) era uma ideologia popular.

Uma sequência de fotografias em que Helena parece estar comendo a tinta azul, (Fig.11), não há dúvida de que a cor que ela está consumindo é muito semelhante à de Yves Klein. Ela protestou no passado pelo uso de mulheres por Klein como objetos em suas obras de arte. A utilização por Helena do azul de Klein, uma cor que ele havia dominado, era um ato libertador para mulheres e artistas em todos os lugares.³⁴



Figura 11 - Helena Almeida (1934), Estudo para melhorias internas, 1977
Coll. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto
Fonte: Fundação de Serralves, Porto | Imagem com autorização de uso

Como a própria Helena afirma, não poderia ser outra cor se não o azul. Na minha opinião, todos os artistas aqui citados tinham essa mesma percepção. A cor azul está presente ao longo da história da arte pelo simples fato de não haver uma outra cor equivalente que

³² Entrevista para os curadores da exposição Minha obra é meu corpo, meu corpo é minha obra. Disponível no catálogo da exposição página 132.

³³ Cf entrevista à Cristina Margato disponível em: <<https://goo.gl/8qQyFZ>> acessado em 26/12/2017.

³⁴ Cf. reportagem publicada na versão on-line do jornal The Guardian sobre Helena Almeida e sua exposição em Cambridge em 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/chb73m>> acessado em 27/12/2017

englobe tamanha simbologia e que possa representar inúmeros sentimentos ao mesmo tempo, e de forma tão singular.

Encerro esse tópico com o trabalho da artista que deu início a minha pesquisa. Marta Penter (1957) artista gaúcha que desde muito cedo se vinculou ao mundo das artes, tendo frequentado várias escolas e centros de arte. Com uma linguagem realista contemporânea explora o tema do inconsciente coletivo, através de imagens de objetos antigos de uso pessoais e da figura humana numa relação tempo e espaço. Suas pinturas, geralmente, em grande escala, caracterizam-se por valorizar os efeitos de luz e sombra criando uma atmosfera intimista típica em suas obras³⁵.

Suas imagens fornecem uma perspectiva íntima de situações contemporâneas familiares; um dia na praia, parando na fila, andando pela rua, etc. No entanto, ela apresenta uma ideia mais ampla de que lugares de espera também são lugares de exposição, um espaço para ver e ser visto. Seus trabalhos são principalmente em preto e branco, Marta adiciona pontos de cor para chamar a atenção para os itens do dia-a-dia que as pessoas usam e carregam para expressar sua individualidade. O uso da cor pode ser percebido em sua obra a partir de 2009 na série *Intimidade Compartilhada*, e se seguiu em *Otium* (2011), *Ver e Ser Visto* (2012/13) e *Entre Silêncios* (2014/15/16).

Conheci o trabalho de Marta na exposição *Entre Silêncios* (2015) no MARGS³⁶ em Porto Alegre. Me senti extremamente envolvida por aquelas imagens em branco e preto e principalmente por aqueles detalhes em azul. Havia uma força, uma presença. Havia uma questão ali naquelas imagens, que me acompanhou por toda a minha pesquisa. Por que o azul?

Na sua última série, *Entre Silêncios* (2015), a cor azul ganha áreas maiores e serve como um ponto de referência para o olhar do espectador. Um momento onde você é convidado a fazer parte daquela experiência interagindo com a pintura. Mais ou menos o que aconteceu comigo quando estava admirando as paredes do MARGS e me deparei com um senhor que me observava parado em uma fila (Fig. 12). Sobre esse detalhe Marta Penter comenta:

³⁵ Trecho da biografia extraído do site da artista. Disponível em: <<https://goo.gl/qxGFZF>> acessado em 28/12/2017.

³⁶ Museu de Arte do Rio Grande do Sul/Porto Alegre

O azul surge na minha pintura para quebrar a monotonia dos cinzas e muitas vezes, para atrair a atenção para si e para o momento circunstancial, como no caso da Fila Grand Palais, onde a única pessoa da fila que percebe minha presença ganha destaque com a cor azul, como um convite ao observador a fazer parte da pintura participando da fila (MARTA PENTER).



Figura 12 - Marta Penter (1957), Grand Palais (2015) | Série Entre Silêncios
Óleo sobre tela | Dimensões 120 x 480cm | Fonte: site da artista
Imagem com utilização autorizada pela artista

É engraçado ouvir na explicação Marta, exatamente o mesmo sentimento que me tomou na ocasião em que me deparei com essa obra. Me faz lembrar de Jacques Rancière³⁷ e seu *Espectador Emancipado*³⁸ quando ele nos dá a definição para a imagem pensativa:

A expressão imagem pensativa não é intuitiva. Em geral, o que qualificamos de pensativos são os indivíduos. Esse adjetivo designa um estado singular: quem está pensativo está cheio de pensamentos, mas isso não quer dizer que os pensa. Na pensatividade, o ato do pensamento parece eivado por certa passividade. A coisa se complica quando dizemos que uma imagem é pensativa. Não se supõe que uma imagem pense. Supõe-se que ela é apenas objeto de pensamento. Imagem pensativa, então, é uma imagem que encerra pensamento não pensado, pensamento não atribuível à intenção de quem a cria e que produz efeito sobre quem a vê sem que este a ligue a um objeto determinado. Pensatividade designa assim um estado indeterminado entre o ativo e o passivo (RANCIÈRE, 2012 p. 103).

Diante de todos esses pensamentos, surgiu a necessidade de pesquisar sobre a simbologia da cor azul e suas representações.

A pergunta que fiz a Marta era a mesma que eu gostaria de ter feito a cada um dos artistas apresentados nesta pesquisa. Por que o azul? Indiretamente alguns deles conseguiram

³⁷Jacques Rancière é um filósofo francês. Ele nasceu em Argel, no ano de 1940 e se tornou professor da European Graduate School de Saas-Fee, e professor emérito do Departamento de Filosofia da Universidade de Paris. Ele escreve a respeito de assuntos voltados à História, Filosofia, Política e Estética, e possui muitas obras publicadas e reconhecidas ao redor de todo o mundo.

³⁸O *Espectador Emancipado* livro de Jacques Rancière, analisa sem condescendências a nossa relação com a arte e os sentidos que ela produz. Cinco ensaios em que o filósofo francês lembra que a responsabilidade de tornar essa aventura produtiva é do espectador. Martins Fontes, 2012.

me responder através de suas obras e através de dados colhidos nas bibliografias consultadas. Para outros foi necessário utilizar algum tipo de dedução ou de associação de situações e significados. De qualquer forma a utilização da cor azul de forma pontual é um elemento estilístico que pode ser característica da obra de alguns artistas como esse capítulo procurou demonstrar.

Considerações finais

Em culturas que remontam a milhares de anos, o azul tem sido frequentemente associado ao espiritual, mas também significa poder, status e beleza. Os aspectos espirituais e materiais do azul se combinam para nos contar histórias sobre diferentes valores culturais e sociais, simbolismos religiosos, mercado da arte e inovação tecnológica. A cor azul é vista em uma ampla gama de expressões ao longo da história, da cultura e das artes. O azul mostra a diversidade da nossa civilização. É um testemunho de disparidades históricas, seu uso e simbolismo muitas vezes ecoa realidades mais tangíveis. No entanto, o azul também simboliza o que é mais valorizado e venerado. É percebido de formas diferentes em cada cultura e tem em sua representação uma grande dualidade. O azul é intemporal e duradouro, com tantas formas e nuances como os inúmeros tons desta cor infinita.

Pensar a arte através da lente do azul nos ajuda a iluminar temas culturais compartilhados ao longo dos tempos, o objetivo não é homogeneizar a representação de diferentes culturas mundiais, mas sim demonstrar pontos de confluência, bem como pontos de grande diferença.

Como foi mencionado anteriormente, ocorreram várias exposições que utilizaram a cor azul como pedra de toque curatorial, o que nos mostra que esse tema pode e deve ser desenvolvido através de outras pesquisas. São várias as abordagens que podem ser utilizadas, o que torna a pesquisa muito rica e produtiva. A apresentação desses dois modos de uso da cor azul serviu para uma identificação inicial das novas abordagens que podem surgir.

Quando decidi fazer um capítulo intermediário para falar sobre o trabalho de Yves Klein não pretendia exatamente destacar este artista, mas sim ressaltar um modo específico de uso dessa cor. Sabemos que é impossível falar sobre azul sem falar de Picasso ou Yves Klein, mas nessa pesquisa venho trazer à luz outros nomes que estão ligados à representação da cor azul. Da mesma forma compreendo que alguns artistas ficaram de

fora, o que demonstra o quanto ainda pode ser dito sobre essa cor e seus diferentes modos de uso e significados na arte.

Retomando os conceitos iniciais, apresentados na introdução deste artigo, podemos identificar em algumas obras listadas no primeiro capítulo a simbologia do Divino, do Poder e da Luz. Já no terceiro capítulo a simbologia da cor azul toma um rumo mais pessoal ou menos acadêmico, o que reflete um pouco da liberdade da arte contemporânea.

Por fim, através do estudo de exemplos de uso pontual do azul na arte moderna e contemporânea podemos ter uma ideia da importância dessa cor no processo criativo do artista, independente do período histórico ou temporal. A arte sempre nos presenteia com conhecimentos que abarcam mais do que a dimensão estética ou formal perceptível nas obras, e o estudo da cor, aqui destacada também em sua dimensão cultural, tem sua importância nesse processo de ampliação de nossa compreensão sobre convenções e rupturas nos procedimentos artísticos ao longo da história da arte.

O estudo da cor azul, que para nós tradicionalmente representam o céu e o mar, ou seja, dois polos opostos, permite que se perceba a rica simbologia que transita entre esses dois pontos físicos. Há muito mais entre o céu e a terra, parafraseando William Shakespeare. E a cor azul é um exemplo disso. Entre esses dois azuis há também muito mais sobre nós mesmos.

Referências bibliográficas

ARGAN, G. C. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARTHES, R. **A câmera clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAXANDALL, M. **O Olhar Renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CENNINI, C. **Il libro dell'arte, o trattato della pittura**. Firenze/Italia: Felice Le Monnier Editore, 1859.

CHILVERS, I. **Dicionário Oxford de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KANDINSKY, W. **Do Espiritual na Arte e na Pintura em particular**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PASTOUREAU, M. **Azul História de uma Cor**. Lisboa: Orfeu Negro, 2016.

PEDROSA, I. **Da cor a cor inexistente**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

THOREL, P. L. **Monory, Jacques – Écrits, entretiens, recits**. Paris: Beaux-Arts de Paris Editions, 2014.

WEITEMEIER, H. **Klein**. São Paulo: Paisagem, 2005.

Artigos Pesquisados

ALMEIDA, Helena: **“Vou vivendo a minha vida como se fosse eterna”**, revista do Expresso, n.º 2293, 08.10.2016, pág. 30-37 disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/cultura/2016-10-16-Helena-Almeida-Vou-vivendo-a-minha-vida-como-se-fosse-eterna>> acessado em 26/12/2017.

DOYLE, Larry. **Monet’s blue period tied to eye problems**. Disponível em: <http://articles.chicagotribune.com/1985-12-29/news/8503300638_1_french-impressionist-claude-monet-dr-james-ravin-impressionist-movement>

MARMOR, Michael F. **Ophthalmology and Art: Simulation of Monet's Cataracts and Degas' Retinal Disease**. *Arch Ophthalmol*. 2006;124(12):1764–1769. Disponível em: <<https://jamanetwork.com/journals/jamaophthalmology/fullarticle/418859>>

MIRA, Rita. **Helena Almeida: a minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher**, Lisboa n. 35, p. 221-224, jun. 2016. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087468852016000100020&lng=pt&nrm=iso>

SCOOKIE, Alastair. **Yves Klein: The man who invented a colour**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20140828-the-man-who-invented-a-colour>>

Revista Seminário de História da Arte
ISSN 2237-1923
VOLUME 01, Nº 07, 2018

THE SCOTSMAN. **Monet's blue period.** Disponível em:
<<https://www.scotsman.com/lifestyle/monet-s-blue-period-1-1291951>>

Entrevista Concedida

PENTER, Marta. Entrevista concedida via correio eletrônico. Porto Alegre, Brasil, dezembro de 2017.